



## 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

---

Eixo: Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional.

Sub-eixo: Ênfase em Formação profissional.

### SERVIÇO SOCIAL, MARXISMO E FEMINISMO

Jéssica Felski Sokalski<sup>1</sup>

**Resumo:** A presente discussão tem por objetivo discorrer sobre a aproximação do pensamento feminista com o pensamento marxista, como ponto de partida o objeto de estudo da dissertação do mestrado que está sendo construída, sendo esta acerca das violências contra a mulher e a contribuição do feminismo para seu enfrentamento. Ela é início de um caminho que está sendo percorrido e construído pela autora. O estudo é bibliográfico e de abordagem qualitativa, sem a pretensão de esvaziar a discussão sobre o tema. Por ora, ele trará reflexões de modo geral sobre o feminismo e marxismo, a origem da propriedade privada, as origens das opressões a que as mulheres estão submetidas e as várias formas de violência contra a mulher. A análise resultante dessa busca apontou que a produção sobre a relação entre feminismo e marxismo tem crescido nos últimos anos, e que as categorias relações sociais de sexo, raça/etnia e classe são discutidas pelo feminismo marxista, onde as autoras brasileiras destacam o protagonismo das mulheres trabalhadoras dentro de um sistema que escraviza e violenta prioritariamente o sexo feminino. A discussão se faz necessária no Serviço Social, pois a profissão é exercida predominantemente por mulheres, posto isso, é preciso problematizar as questões levantadas acima, no âmbito da produção de conhecimento e do exercício profissional, para que assim seja possível produzir um viés de análises e discussão da problemática exposta.

**Palavras-chave:** feminismo; marxismo; desigualdades; luta de classes; feminismo marxista

#### Introdução

O presente artigo foi elaborado a partir de pesquisas teóricas sobre feminismo e marxismo, tendo como questão principal a relação entre eles; partindo desse pressuposto, foram analisadas obras do próprio Marx, bem como de Engels, entre outros autores. Foram estudados também, textos de comentadores e pesquisadores na área. As incertezas sobre a possível ligação entre feminismo e marxismo foram dissolvidas durante a elaboração do presente artigo, uma vez que existe o feminismo marxista, que aborda as desigualdades sociais e de classe dentro da sociedade e no ambiente de trabalho, lutando para uma emancipação moral, intelectual e econômica da mulher.

---

<sup>1</sup> Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: <jessicafsokalski@gmail.com>.

Neste artigo, poderemos analisar as contribuições do feminismo dentro da nossa sociedade, analisando suas bases e princípios, dentro de uma perspectiva marxista. São muitas as questões que tomam frente dentro das lutas feministas, a busca pela emancipação, o fim da opressão dentro da sociedade e nos meios de trabalho, a luta contra o sistema patriarcal, de onde se origina toda a subordinação da mulher e a opressão que está presente nas mais diversas organizações. Analisaremos também como se dá a divisão sexual do trabalho e as relações sociais de sexo, onde estão presentes a “supremacia” do homem e a inferiorização da mulher.

Dentro da luta de classes, está a mulher, que vivencia o machismo desde a origem da família, o qual aponta o controle e a violência sobre o corpo da mulher. Essas mulheres são duplamente oprimidas, uma vez que o sistema capitalista marginaliza e oprime o indivíduo para a produção de mais-valia. A mulher é submetida à opressão do capitalismo e do patriarcado, tendo seu corpo objetificado e regulamentado pelos homens, como ela se comporta, se expressa e trabalha e como acontecem as relações sexuais e de produção. A mulher é posta numa condição de subalternidade em diferentes espaços sociais, primeiramente no seu espaço privado, na família e relação conjugal e, posteriormente, no espaço público, no trabalho precarizado, na divisão sociotécnica do trabalho.

Portanto, neste trabalho, são analisadas essas questões dentro da perspectiva do feminismo marxista, para entender as divisões de classes, as relações de poder e de sexo, sempre aliando a perspectiva feminista na conquista de direitos e de derrubada do patriarcado e crítica do capitalismo.

O conceito patriarcado, tanto utilizado em estudos feministas por diversas autoras, tem o intuito de denunciar a dominação masculina e analisar as relações homem-mulher delas resultantes.

### **Feminismo e Marxismo**

O feminismo vem há anos lutando pelos direitos das mulheres, abrindo espaço também para outras discussões que foram sendo incorporada nas lutas feministas, como a questão de gênero. É evidente a necessidade da discussão

sobre os direitos das mulheres e o estudo sobre gênero, pois estes grupos ainda vivem marginalizados pelo preconceito e pelos discursos políticos excludentes. Cabe lembrar que gênero diz respeito às representações do masculino e do feminino, a imagens construídas pela sociedade a propósito do masculino e do feminino, estando estas inter-relacionadas. Este trabalho não tem como pretensão fazer uma análise sobre o termo gênero, pois é um conceito amplo, e está sendo utilizado neste momento como uma referência às lutas feministas; a pretensão é trabalhar o feminismo marxista, análise sobre o conceito de patriarcado e crítica ao capitalismo.

A autora Heleieth Saffioti, em sua obra *Gênero, patriarcado e violência* (2004), diz que o patriarcado é como uma máquina, a qual opera sem cessar, e não exclusivamente pela mão do patriarca, essa engrenagem age quase automaticamente, inclusive pelas mulheres; essas assumem todo o papel do patriarca na educação dos filhos, porém, segundo a lei do pai. Ainda que não sejam cúmplices desse regime, colaboram para alimentá-lo. O domínio do homem sobre a mulher se dá em diferentes graus e em diferentes culturas, mas a natureza do fenômeno é a mesma, a legitimação dessa subordinação é através da naturalização.

O patriarcado é como um pacto masculino para garantir a opressão de mulheres; segundo a autora, há uma solidariedade entre os homens e o intuito é da manutenção do controle sobre as mulheres, sustentando uma ordem patriarcal. Neste regime, as mulheres estão na categoria social que é objeto de satisfação dos homens, reprodutoras de força de trabalho e de novas reprodutoras, o que se conjectura como dominação e exploração, entendida também como opressão. São conceitos diferentes, mas que se alinham na explicação dessa problemática: as mulheres são dominadas, exploradas e oprimidas, de forma sistemática.

O valor central da cultura gerada pela dominação-exploração patriarcal é o controle, valor que perpassa todas as áreas da convivência social. Saffioti (1987) lembra que o patriarcado serve a interesses dos grupos/ classes dominantes.

Um sério problema a ser sanado está nas interpretações patriarcais do patriarcado. O conceito de patriarcado, compreendido por meio da história do contrato sexual, permite a verificação da estrutura patriarcal do capitalismo e de toda a sociedade civil. Firmando o contrato, estabelece-se uma nova relação, na qual cada parte se posiciona em face da outra. A exploração econômica faz-se conjuntamente com o controle de sua sexualidade.

A autora demonstra a compreensão de que a exploração capitalista e dominação patriarcal não estão separadas, usa-se nesse e em outros textos, a expressão exploração-dominação ou dominação-exploração, não há dois processos, mas duas faces do mesmo processo. A submissão das mulheres na sociedade civil assegura o reconhecimento do direito patriarcal dos homens.

Mas não foi sempre assim. Estudos demonstram que, no período da pré-história, eram as mulheres que detinham os papéis mais importantes dentro da sociedade, porém quando se deu a supremacia masculina sobre a feminina, a inferiorização da mesma, o surgimento do trabalho assalariado, as mulheres acabaram sendo submetidas a um regime de submissão, com isso se iniciou a era do patriarcado, sistema em que as mulheres deixaram de ter o papel mais importante dentro da sociedade e acabaram sendo marginalizadas.

Houve diversas lutas para uma emancipação da mulher, a partir das reivindicações femininas foram surgindo outras reivindicações, como as de gênero, direito ao voto, direito do seu próprio corpo, direito de reprodução ou não. Mas tudo isso não se deu de forma fácil, foi preciso que ocorressem lutas intensas para mudanças pouco visíveis.

Foram inúmeras conquistas até os dias atuais, porém ainda notamos a marginalidade e o esquecimento do sujeito mulher dentro de um viés político; nas relações sociais e de classe, a mulher ainda é subjugada, existindo uma subordinação histórica e desigual, que pode até ser camuflada, mas ainda existe.

No estudo sobre o feminismo, partindo de um viés marxista, podemos analisar a estrutura existente de classes sociais que está ligada com as relações sociais de sexo, colocando como aspecto fundamental a divisão do trabalho. O capitalismo impõe formas e métodos para que se tenha um trabalho

que produza a mais-valia, através de poucos gastos com trabalhadores, existindo assim a precarização do trabalho, sendo que a mulher sempre esteve dentro dessa categorização, o trabalho que se diz “feminino” é desvalorizado, dominado, e marginalizado, essa desvalorização do trabalho abre o campo para baixos salários, o que rende mão-de-obra barata para o capitalismo.

Não é nenhuma novidade quando falamos sobre a supremacia masculina, dentro de uma sociedade que é patriarcal desde os tempos mais remotos, existindo uma dominação masculina sobre o feminino, e não somente isso, existe uma dominação sobre tudo aquilo que se pode produzir ou reproduzir, tudo o que se produz acaba se tornando alvo de dominação, seja a propriedade, os escravos, as mulheres, etc.

Assim, pois, nos casos em que a família monogâmica reflete fielmente sua origem histórica e manifesta com clareza o conflito entre o homem e a mulher, originado pelo domínio exclusivo do primeiro, teremos um quadro em miniatura das contradições e antagonismos em meio aos quais se move a sociedade, dividida em classes desde os primórdios da civilização, sem poder resolvê-los nem superá-los. ( Engels, pg. 73).

Desde a origem da família, é com clareza que observamos a dominância que o homem exerce sobre a mulher, impondo regras e delimitando suas atitudes e direitos. Dentro das pautas da discussão feminista, bem como nas teorias marxistas, existe uma preocupação com todas as desigualdades presentes na sociedade, buscando, como mudança, a própria emancipação do sujeito. As teorias de Marx não enfatizam diretamente a discussão sobre a mulher em suas produções, mas seu pensamento influencia a trazer esses elementos para discutir dentro do feminismo, a questão da subordinação da mulher e da opressão que a mesma sofre, trazendo como foco as desigualdades presentes na sociedade vividas pelo fato de ser mulher. A propriedade privada se deu juntamente com a subordinação da mulher, sendo que a primeira forma de propriedade se dá justamente com o domínio sobre a mulher na esfera do lar, do cuidado da casa e dos filhos, do pai, do marido, dos irmãos, da família em sua totalidade, quando o homem pode afirmar que é

“sua”, como algo de pertencimento e controle. O capitalismo serve como aquilo que dá o poder para a opressão, levando em consideração que existe uma distinção de trabalhos e uma divisão de classes socialmente construída; entender o que cerca toda essa desigualdade e qual é o cerne dessa subordinação é de essencial importância para as lutas contra o poder exercido pelo capitalismo, para que haja uma nova sociedade com a emancipação da mulher.

Partindo do princípio de que a emancipação da mulher está associada à construção de uma nova sociedade, à ruptura com o capitalismo, a teoria marxista se faz indispensável para a luta das mulheres, uma vez que tem como objeto a sociedade burguesa e como objetivo a sua superação. Afinal, é essa teoria que possibilita desvelar as contradições desta sociedade, instrumentalizando a classe trabalhadora para lutar por sua emancipação. (CISNE, pg. 08)

Para o feminismo, é importante a integração dos estudos marxistas e vice-versa, pois ambos levam à frente a luta contra as desigualdades, e a emancipação dos sujeitos. A exploração das mulheres não é somente uma questão histórica e de costumes, mas também está ligada ao poder político e à economia, a mulher sempre foi reprimida dentro do ambiente político, tendo pouco espaço. Para uma emancipação, é necessário o desentrelaçamento dessas desigualdades, bem como no espaço econômico, sendo que a mulher sempre foi vista apenas de um viés de economia doméstica, com um trabalho desvalorizado, e assim sendo explorada dentro dessa divisão de classes.

Outro exemplo de dominação do masculino sobre o feminino é a própria prostituição, que não deve ser pensada como a profissão mais antiga do mundo, e assim ser tida como uma normalidade dentro do sistema, ela deve ser considerada como uma profissão que denota toda a opressão e exploração sofrida pelas mulheres, como uma relação de poder entre o masculino e feminino. A prostituição remonta todo o poder que o homem tem sobre a mulher, bem como o controle sexual da mesma. Marx e Engels, tratando sobre a opressão que se deve ao materialismo, trataram sobre a prostituição, identificando também o fim da mesma a partir da dissolução do capitalismo.

A mulher era vista como sendo uma propriedade do homem, numa relação monogâmica, onde somente as mulheres eram proibidas de cometer adultérios, porém o homem estava livre para tal; para Engels, o casamento em si também era uma prostituição, porém, como forma de escravidão, diferenciando-se da prostituição por dinheiro, mas em ambas está claro o domínio dos homens e o poder que este exerce sobre a mulher.

Tanto Marx como Engels trouxeram questões fundamentais sobre a exploração das mulheres dentro da divisão de classes e da sociedade, que se deu no início das transformações no trabalho e nas produções que este gerava, o que levou a uma divisão desigual nesta relação de sexos, onde o opressor ganha meios para manter a subordinação do oprimido, portanto, para estas vertentes, a questão feminina deve ser compreendida como um fator social, e, assim, para que haja a emancipação como sujeito é necessária a abolição do sistema capitalista, que é onde se origina a escravidão e a subordinação.

A emancipação da mulher, segundo as teorias marxistas, não é somente dentro de um viés político, mas também econômico, físico e intelectual, e, para que isso ocorra, é necessária a compreensão do seu lugar dentro das lutas de classe, bem como perceber a sua dependência, que muitas vezes é camuflada. A questão feminina, portanto,

(...) residiria na compreensão de seu verdadeiro lugar no movimento socialista e sua participação na luta de classes. Assim como as ideias socialistas deveriam penetrar em todas as camadas da sociedade, inclusive em círculos conservadores, também as mulheres, geralmente imbuídas de uma moral tradicional amparada na religiosidade e em "superstições", deveriam perceber o atrelamento de sua dependência econômica, subordinação política e baixo status social à exploração de classe promovida no âmbito do modo de produção capitalista. Somente em comunhão de esforço com o proletariado as mulheres atingiriam sua libertação e independência plenas. (ANDRADE, 2010, pg. 11).

Existem diversas vertentes do feminismo, um deles é o feminismo marxista socialista que

como outras correntes do feminismo, posiciona a situação das mulheres como grupo ou grupos, no entanto caracteriza-se com matizes que se distinguem de outras correntes teóricas com raízes ideológicas, ou não, e que igualmente incorporaram o feminismo

enquanto movimento. Sob diferentes orientações procura o reconhecimento da igualdade de direitos legal, política e na prática da vida do cotidiano entre mulheres e homens. (SANTOS/NOBREGA, 2004, pg. 03).

A principal ideia deste movimento é que a luta feminista e as relações de sexo estão vinculadas à luta de classes, e a emancipação que deve ser conquistada pelas mulheres, livraria não somente elas da opressão, como também todos aqueles que são oprimidos pelo sistema capitalista.

Como Marx tinha previsto, “a maquinaria, ao lançar todos os membros da família do trabalhador no mercado de trabalho, reparte o valor da força de trabalho do homem por toda a família”, rebaixa o valor do trabalho masculino e, conseqüentemente, dali para diante, todos “os membros da família precisam de fornecer não só trabalho, mas mais trabalho para o capital, para que uma família possa sobreviver”. Desta forma, não só as mulheres como também as crianças e jovens da classe trabalhadora são reduzidos à condição de simples força de trabalho sob exploração do capital. A libertação das mulheres dar-se-ia com a superação do modo de produção capitalista que, em síntese, eliminaria todas as formas de opressão, exploração e subjugação de toda a sociedade.(SANTOS/NOBREGA, 2004, pg. 05).

Engels, que teve como base os estudos de Marx, levava em consideração a importância da inclusão das mulheres no mercado de trabalho assalariado, uma vez que, se conquistado esse espaço, as lutas das mulheres estariam mais próximas das lutas de classe, bem como de sua emancipação.

Para o feminismo socialista, que tem como base o marxismo e os trabalhos de Engels, e que se baseiam nas práticas e também nas experiências das mulheres na política, somente quando houver a quebra desse sistema de posse, que está instaurado dentro do regime capitalista, e o direito da propriedade para a mulher, é que os homens e mulheres poderão conviver num quadro de igualdade na sociedade.

Além dessa participação de forma igualitária, com os mesmos direitos, o feminismo marxista busca também uma emancipação das amarras familiares às quais a mulher é submetida, como a sexualidade e o cuidado das crianças;

dissolvendo essas ideias, pode-se buscar a dissolução do próprio patriarcado, cabendo à classe oprimida lutar pela própria libertação, devendo existir uma libertação não somente moral, mas também intelectual.

Considera pois que o feminismo contemporâneo deverá insistir na autonomia moral, intelectual e racional à semelhança dos homens, mas também política, social e econômica mediante a representação política, a abolição da discriminação sexual e o respeito pelas decisões das mulheres em temas como o aborto. (SANTOS/NÓBREGA, 2004, pg. 13).

Mesmo que haja discussões sobre o assunto e avanços alcançados pelas lutas feministas, ainda há um longo caminho a ser percorrido para o enfraquecimento do sistema patriarcal e capitalista. Em relação aos cuidados domésticos, segundo as teorias, deve-se buscar ainda uma coletivização de tais tarefas, existem muitas questões a serem tratadas ainda, mas a busca pela libertação intelectual se manifesta dentro desses movimentos que fazem a luta pela emancipação.

### **3. Conclusão**

Através deste artigo, pudemos analisar a importância das lutas feministas ao longo do tempo, para a quebra do sistema patriarcal e fim dos diversos tipos de opressão. De forma cultural e histórica, construiu-se uma supremacia masculina e uma submissão da mulher, oriunda do próprio regime capitalista instaurado juntamente com o patriarcado. Tanto as teorias feministas e marxistas dão enfoque à preocupação com as desigualdades que são socialmente construídas, existindo uma negação da propriedade, uma expropriação. As mudanças a serem feitas nesse sistema devem partir do próprio sujeito oprimido. Vemos, portanto, a importância da mulher dentro das lutas de classes sociais, levando em frente o movimento social que busca mudanças no sistema implantado na sociedade.

Portanto, baseando-se nas lutas feministas e nas teorias marxistas, podemos concluir que as mudanças a serem feitas ainda são muitas, e que devem partir do sujeito e pressionando os arranjos construídos na sociedade.

Houve avanços femininos significativos, mas a base material do patriarcado ainda não foi destruída, não basta ampliar o campo de atuação das mulheres, e que elas ocupem espaços que geralmente são destinados aos homens, se a natureza do patriarcado continua a mesma. É preciso que haja transformações radicais no sentido da preservação das diferenças e da eliminação das desigualdades.

A teoria é importante para que se possam operar transformações na sociedade, é possível um marxismo feminista ou um feminismo marxista? A urgência desta resposta é importante para situar as mulheres em igualdade de condições com os homens e o papel que esta mulher ocupa dentro da divisão de classes.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Joana El- Jaick. *A mulher e o socialismo: incorporação da emancipação feminina à pauta da socialdemocracia*. Lutas Sociais, São Paulo, n.24, p.09-17, 1o sem. 2010.

CASTRO, Mary Garcia. *Marxismo, feminismo e feminismo marxista mais que um gênero em tempos neoliberais*. Crítica marxista/dossiê, Marxismo, feminismo e feminismo marxista, São Paulo, Boitempo, v.1, n. 11, 2000, p. 98-108.

CISNE, Mirla. *Relações sociais de sexo, “raça/etnia e classe: uma análise feminista-materialista*. Temporalis, Brasília, DF, ano 14, n. 28, pg. 133-149, jul./dez 2014.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *MARXISMO: uma teoria indispensável à luta feminista*.

CISNE, Mirla. GURGEL, Telma. *Os atuais desafios para o feminismo materialista*. Temporalis, Brasília, DF, ano 14, n. 27, pg. 245-261, jan./jun 2014.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Ed. Civilização brasileira, 9ª edição, vol. 99, Rio de Janeiro, RJ, 1984.

PARADIS, Clarisse Goulart. *A prostituição no marxismo clássico: crítica ao capitalismo e à dupla moral burguesa*. Rev. Estud. Fem. vol.26 no.3 Florianópolis 2018 Epub Sep 06, 2018.

SAFFIOTI, H. I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth. “Não há revolução sem teoria”. In *Gênero e patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, 9 95-139.

SANTOS, Elisabete. NÓBREGA, Lígia. *Ensaio sobre o feminismo marxista socialista*. Publicação do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. V. 05. N. 11, jul./set. de 2004.